



ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: ARTE E TECNOLOGIAS DIGITAIS NA PARCERIA ENTRE ENSINO E EXTENSÃO

SUPERVISED INTERNSHIP IN YOUTH AND ADULT EDUCATION: ART AND DIGITAL TECHNOLOGIES IN THE PARTNERSHIP BETWEEN TEACHING AND EXTENSION

PRÁTICA SUPERVISADA EM LA EDUCACIÓN DE JÓVENS Y ADULTOS: ARTE Y TECNOLOGÍAS DIGITAIS EM LA COLABORACIÓN ENTRE LA ENSEÑANZA Y LA EXTENSIÓN

Ketiuce Ferreira Silva
E-maile: ketiucef@gmail.com

RESUMO

Este texto consiste no relato de uma experiência com estudantes de Pedagogia de uma universidade pública do Estado de Minas Gerais. O trabalho foi realizado ao longo do primeiro semestre do ano de 2023, no componente curricular de Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os primeiros contatos dos estudantes com o campo de estágio são essenciais para evidenciar o potencial formativo das escolas para os graduandos, bem como para identificar desafios os quais a universidade pode ajudar a superar. O fato de a maior parte dos estudantes terem vivenciado o estágio na mesma escola, possibilitou desenvolver um trabalho que, por meio da parceria entre ensino e extensão, se concentrou em contribuir para a alfabetização de adultos, explorando a arte e as tecnologias digitais. Desta experiência destaca-se a aproximação entre escola e universidade como imperativo possível de diversas maneiras, entre elas o Estágio Supervisionado. Ambas as instituições aprendem e ensinam mutuamente nesta relação a qual pode ser sistematicamente enriquecida quando ensino, pesquisa e extensão partilham deste princípio. A relação entre arte e tecnologia tem muito a contribuir para o processo alfabetizador na EJA, uma vez que potencializa aspectos como expressão criativa e leitura crítica de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Educação de Jovens e Adultos. Extensão. Arte. Tecnologias digitais.

ABSTRACT

This text consists of the account of an experience with Pedagogy students from a public university in the State of Minas Gerais. The work was carried out during the first semester of the year 2023, as part of the curricular component of Supervised Internship in Youth and Adult Education (EJA). The initial contacts of the students with the internship field are essential to highlight the formative potential of the schools for the undergraduates, as well as to identify challenges that the university can help overcome. The fact that most students experienced the internship in the same school allowed for the development of a project that, through the partnership between teaching and extension, focused on contributing to adult literacy, exploring art and digital technologies. One highlight of this experience is the closeness between the school and the university as a possible imperative in various ways, among them the Supervised Internship. Both institutions learn and teach from each other in this relationship, which can

be systematically enriched when teaching, research, and extension share this principle. The relationship between art and technology has much to contribute to the literacy process in EJA, as it enhances aspects such as creative expression and critical reading of the world.

KEYWORDS: *Supervised Internship. Youth and Adult Education. Extension. Art. Digital Technologies.*

RESUMEN

Este texto consiste en el relato de una experiencia con estudiantes de Pedagogía de una universidad pública en el Estado de Minas Gerais. El trabajo se realizó durante el primer semestre del año 2023, como parte del componente curricular de Práctica Supervisada en Educación de Jóvenes y Adultos (EJA). Los primeros contactos de los estudiantes con el campo de práctica son esenciales para resaltar el potencial formativo de las escuelas para los estudiantes universitarios, así como para identificar desafíos a los que la universidad puede ayudar a superar. El hecho de que la mayoría de los estudiantes hayan realizado la práctica en la misma escuela permitió desarrollar un trabajo que, a través de la colaboración entre enseñanza y extensión, se enfocó en contribuir a la alfabetización de adultos, explorando el arte y las tecnologías digitales. Un aspecto destacado de esta experiencia es la cercanía entre la escuela y la universidad como un imperativo posible de diversas formas, entre ellas, la Práctica Supervisada. Ambas instituciones aprenden y enseñan mutuamente en esta relación, que puede enriquecerse sistemáticamente cuando la enseñanza, la investigación y la extensión comparten este principio. La relación entre el arte y la tecnología tiene mucho que aportar al proceso de alfabetización en la EJA, ya que potencia aspectos como la expresión creativa y la lectura crítica del mundo.

PALABRAS-CLAVE: *Práctica Supervisada. Educación de Jóvenes y Adultos. Extensión. Arte. Tecnologías digitales.*

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é apresentar reflexões acerca de uma experiência vivenciada no primeiro semestre do ano de 2023, no Estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos (EJA), com estudantes de Pedagogia, da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), unidade de Ituiutaba (MG). O trabalho baseou-se na perspectiva de que o estágio é um momento privilegiado de construção dos conhecimentos teórico-práticos na formação inicial docente, bem como uma oportunidade de estreitamento dos laços entre escola e universidade, fazendo cumprir o papel político-pedagógico da educação.

De acordo com a estrutura curricular do Curso de Pedagogia da UEMG de Ituiutaba, o estágio na EJA ocorre no sétimo período e é o terceiro e penúltimo do total de quatro estágios que contemplam a Educação Infantil (quinto período), o Ensino Fundamental (sexto período) e a Gestão Escolar (oitavo período). De acordo com o artigo primeiro do regulamento voltado aos estágios dos cursos de licenciatura, presente no Projeto Pedagógico:

Entende-se por estágio o tempo de aprendizagem, sob a supervisão de docentes e técnicos credenciados, em que, por um período de permanência, o licenciando vivencia um lugar ou ofício para aprender sua prática, ampliar ou rever conhecimentos adquiridos ou produzidos nos cursos de licenciatura, articulando teoria e prática social em situações reais, de forma sistemática e

orientada pelo princípio metodológico da ação-reflexão-ação, que aponta a resolução de situações-problema como uma das estratégias didáticas privilegiadas. (UEMG, 2015, p. 93).

Observa-se que o estágio é reconhecido como momento e lugar privilegiado de re/construção ativa e reflexiva dos saberes teórico-práticos relacionados ao fazer docente. O que demanda condições estruturais e pedagógicas. Especificamente no estágio na EJA, os graduandos em Pedagogia se deparam com o desafio de fazer valer estes princípios, lidando com um dificultador que não ocorre nos demais estágios: a oferta de EJA ocorre majoritariamente no mesmo horário noturno das aulas na universidade. A alternativa encontrada foi distribuir componentes curriculares com carga horária a distância ao longo de toda uma noite que possa ser utilizada para o estágio.

Na vivência em questão, maior parte das graduandas puderam realizar o estágio na mesma escola, localizada em zona rural, uma vez que também desenvolveram neste espaço os trabalhos relativos ao Programa Residência Pedagógica, coordenado por outra docente que não a orientadora do estágio. A inexistência de empecilhos para a concomitância das atividades favoreceu e enriqueceu o processo em vários aspectos. Entre eles a possibilidade de conhecer melhor as necessidades dos estudantes, fortalecer parcerias e sistematizar estratégias didáticas condizentes com as identidades dos sujeitos da EJA.

Um projeto de extensão foi criado para fortalecer as trocas com a Professora da turma de EJA, com a diretora, com a assistente social, com a psicóloga e outras profissionais da escola, a fim de realizar um levantamento de fragilidades pedagógicas as quais o estágio pudesse ajudar a superar. Verificou-se que, na turma de dezessete estudantes matriculados, sendo treze frequentes, a predominância era de mulheres, acima dos cinquenta anos, e em situação de vulnerabilidade social por necessidades relativas à moradia, trabalho, escolarização etc.

No que se refere às demandas de cunho pedagógico verificou-se uma carência em relação ao trabalho com Artes, pois, segundo a diretora da escola, não havia profissional com formação adequada para tal, embora, mesmo sem aprofundada sistematização, observou-se que expressões artísticas apareciam em diversas atividades realizadas na escola. Pensando em explorar este cenário, foi realizada uma sondagem sobre o uso do celular por parte das estudantes e o que se identificou foi a existência do acesso por parte da maioria, mesmo que a aparelhos sem muita sofisticação, mas sem aproveitamento intencionalmente pedagógico. A experiência ratificou a afirmação de Freire (2011) sobre o fato de que a palavra autêntica, vai além do verbalismo, pois se cumpre como direito coletivo ao diálogo reflexivo e ativo na e para a existência humana.

Foi diante deste cenário de mulheres, social, pedagógica e culturalmente negligenciadas que as graduandas em Pedagogia, por meio do Estágio Supervisionado e da extensão universitária, foram envolvidas no planejamento, no desenvolvimento e na avaliação de uma intervenção didática que misturou arte e linguagens digitais para valorizar o repertório de vida dessas mulheres e ajudá-las a exercerem os seus direitos de expressão e comunicação. Este compromisso também se baseou nas contribuições de Zeichner (2008) sobre o compromisso da formação docente com a justiça social. Esta que é necessariamente reflexiva por se mostrar sensível e comprometida com as realidades dos sujeitos, com a valorização das diferenças, superação das desigualdades, diversificação do ensino, promoção de mudanças sociais e consciência sociocultural.

O AUTORRETRATO COMO EXPRESSÃO DE SI: SOBRE FRIDAS E CECÍLIAS

A fim de realizar um trabalho condizente com o contexto identificado, uma intervenção didática foi sistematizada em formato de oficina, de modo que, no decorrer de um encontro com duração de três horas, fosse possível uma vivência rica em aspectos como valorização do repertório cultural, estímulo à expressão das identidades, troca de experiências, escuta de histórias de vida. Para tanto, a vivência foi denominada de “O autorretrato como expressão de si” e os objetivos almejados foram identificar o autorretrato como uma expressão artística de si na relação com os outros e com o mundo; expressar sua identidade pessoal e emoções, por meio da selfie e do poema; e refletir coletivamente sobre a sua trajetória de vida.

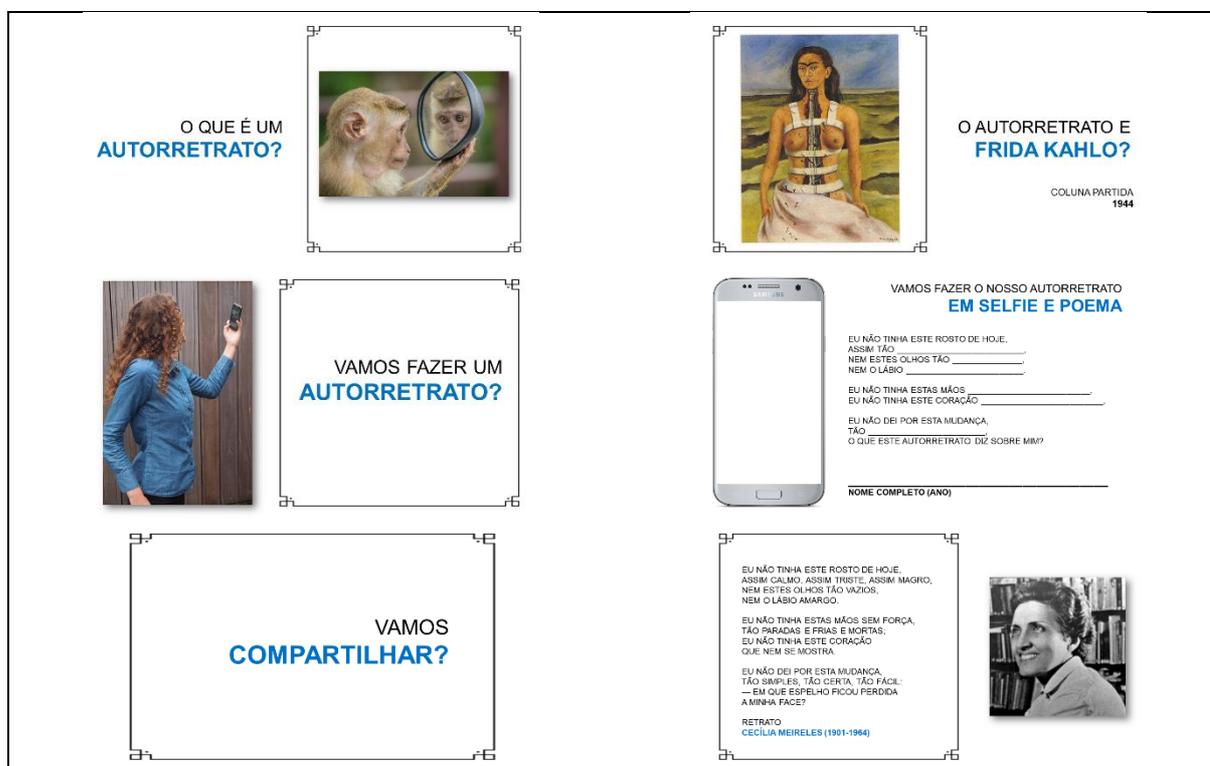
O planejamento se deu a partir da perspectiva de que os estudantes da EJA devem ser reconhecidos como sujeitos cujo direito à educação foi negado em função das diversas dificuldades da vida dedicada exclusivamente ao trabalho, muitas vezes precário, conforme destaca Arroyo (2017). Para o autor, entre os direitos a serem exercidos por este público está o de vivenciar as suas memórias marcadas também em seus corpos. Para Rodrigues (2018) a atuação docente na EJA precisa se comprometer com o contexto social, político, econômico e cultural dos educandos. Assim, a intervenção didática foi sistematizada, levando em conta o direito de estes estudantes terem acesso a processos formativos que lhes possibilitem aprender de maneira coerente com as suas realidades e necessidades; apropriar-se de diversos meios para se comunicarem e se expressarem; refletir e valorizar as suas trajetórias de vida.

Sob essa perspectiva, o encontro foi distribuído em quatro momentos:

1. Acolhimento (aproximadamente 10min): recepção das¹ estudantes para organizá-las em um grande círculo, esclarecer o propósito de realizar uma produção para expressar como elas se reconheciam.
2. Problematização (aproximadamente 30min): diálogo sobre o que se sabia ou já ouviu falar sobre autorretrato, impressões e interpretações sobre a obra "Coluna Partida" de Frida Kahlo (1944), apresentação da artista e explicação sobre a origem da respectiva obra.
3. Criação (aproximadamente 1h): as estudantes foram convidadas a tirar uma selfie (formato retrato), destacando características que queriam destacar sobre quem são. Foi sugerido que elas usassem o cantinho do espelho para se prepararem (cabelo, maquiagem, adereços etc.). Os registros foram enviados para a Professora do Estágio, e coordenadora do encontro, para imediata impressão em papel no qual havia trechos, adaptados, do poema "Retrato" de Cecília Meireles (1939). As estudantes preencheram os espaços em branco do texto de acordo com as suas próprias identidades. A mediação das graduandas foi essencial para ajudar no uso dos celulares e/ou para partilhar o recurso com quem não possuía, assim como para colaborar no preenchimento do poema.
4. Socialização (aproximadamente 40min): projeção visual e consentida das produções, com destaque para as reflexões estimuladas e voluntárias acerca dos sentimentos e aprendizagens alcançados durante o processo. Durante a leitura do poema, investiu-se em deixar as estudantes à vontade para realizarem a leitura e/ou contar com a ajuda das graduandas para isso.

O seguinte material expositivo foi produzido para ajudar na condução do processo:

¹ A partir daqui o gênero feminino será utilizado como referência, pois, da turma de estudantes em que havia somente um estudante homem, apenas mulheres estiveram presentes no dia da atividade. Além da professora da turma, mais onze estudantes, do total de treze frequentes, participaram.

Figura 1 – Material expositivo da vivência.


Fonte: Produção própria.

Os elementos explícitos nesta sistematização evidenciam o que Freire (1996) salienta sobre o fazer docente ser, necessariamente, uma ação sustentada em rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos educandos, criticidade, ética e estética, rejeição a qualquer forma de discriminação, reconhecimento e assunção da identidade cultural dos sujeitos. Eis o que caracteriza saber que não há docência sem discência.

A etapa de acolhimento foi entendida como essencial para demonstrar às estudantes a importância das suas participações para a formação de futuros professores, bem como para valorizar os seus saberes, interesses e histórias de vida. Acredita-se que este cuidado contribuiu para falas que manifestaram alegria e o sentimento de importância por estarem naquele espaço, antes desconhecido. Desde o início, buscou-se fazer cumprir com o dever de, como adverte Moura (2018), não infantilizar os estudantes da EJA. Um aspecto que ainda se mostra recorrente e favorável à desmotivação dos educandos.

Durante a problematização, explorou-se o uso de linguagens e questionamentos que valorizassem os conhecimentos prévios, ao mesmo tempo que contribuíssem para a ampliação de repertório. Quando perguntadas se já ouviam falar em autorretrato, foi unânime, o desconhecimento da palavra. Mas, ao serem provocadas a pensar sobre a imagem exposta e se

a palavra tinha semelhança com alguma outra que já conheciam, muitos exemplos foram dados. Oportunidade ímpar para fazê-las entender que não são uma página em branco e que têm repertório para interpretar o mundo à sua volta.

Uma vez construída, no coletivo, a compreensão de que o autorretrato é, grosso modo, um registro em imagem sobre si e que elas, mesmo sem saber, têm contato com esse tipo de expressão em seus cotidianos, o novo desafio foi identificar elementos literais e figurados da obra “Coluna partida” de Frida Kahlo (1949) e pensar sobre o que a artista queria mostrar sobre si. A riqueza da leitura da imagem foi substancial. O aproveitamento da compreensão sobre autorretrato fez com que cada elemento objetivo identificado fosse acompanhado de interpretações subjetivas que remetiam, inclusive, a pessoas da família e a maneiras como elas próprias se reconhecem. Em seguida, uma breve apresentação da autora da imagem foi realizada, de modo que as estudantes, além de terem a oportunidade de conhecerem um pouco sobre Frida Kahlo, pensassem se a obra pode ser considerada um autorretrato e como seria o autorretrato de cada uma delas naquele momento. Este exercício baseou-se na abordagem de Santaella (2012) sobre o fato de as imagens serem convidativas, encantadoras, multifacetadas. É um meio de construção de significados, construídos conforme os repertórios de quem as produz e de quem as consome. Essa construção precisa de tempo e envolvimento.

Tais provocações influenciaram, intencionalmente, o momento de criação no qual as estudantes utilizaram câmeras de celulares para realizarem seus autorretratos e mostrarem o que elas gostariam de destacar sobre as suas identidades pessoais. Muitas utilizaram o espaço da beleza para se prepararem e todas contaram com a ajuda das graduandas para posicionar a câmera, conferir a iluminação e qualidade da imagem e fazer o registro. Enquanto a impressão das imagens era feita, as estudantes, também com a mediação das graduandas, preencheram os espaços em branco do poema “Retrato” de Cecília Meirelles (1939). Anterior ao preenchimento, uma leitura coletiva, pausada e provocativa foi realizada em voz alta, com o intuito de estimular ideias para a escrita.

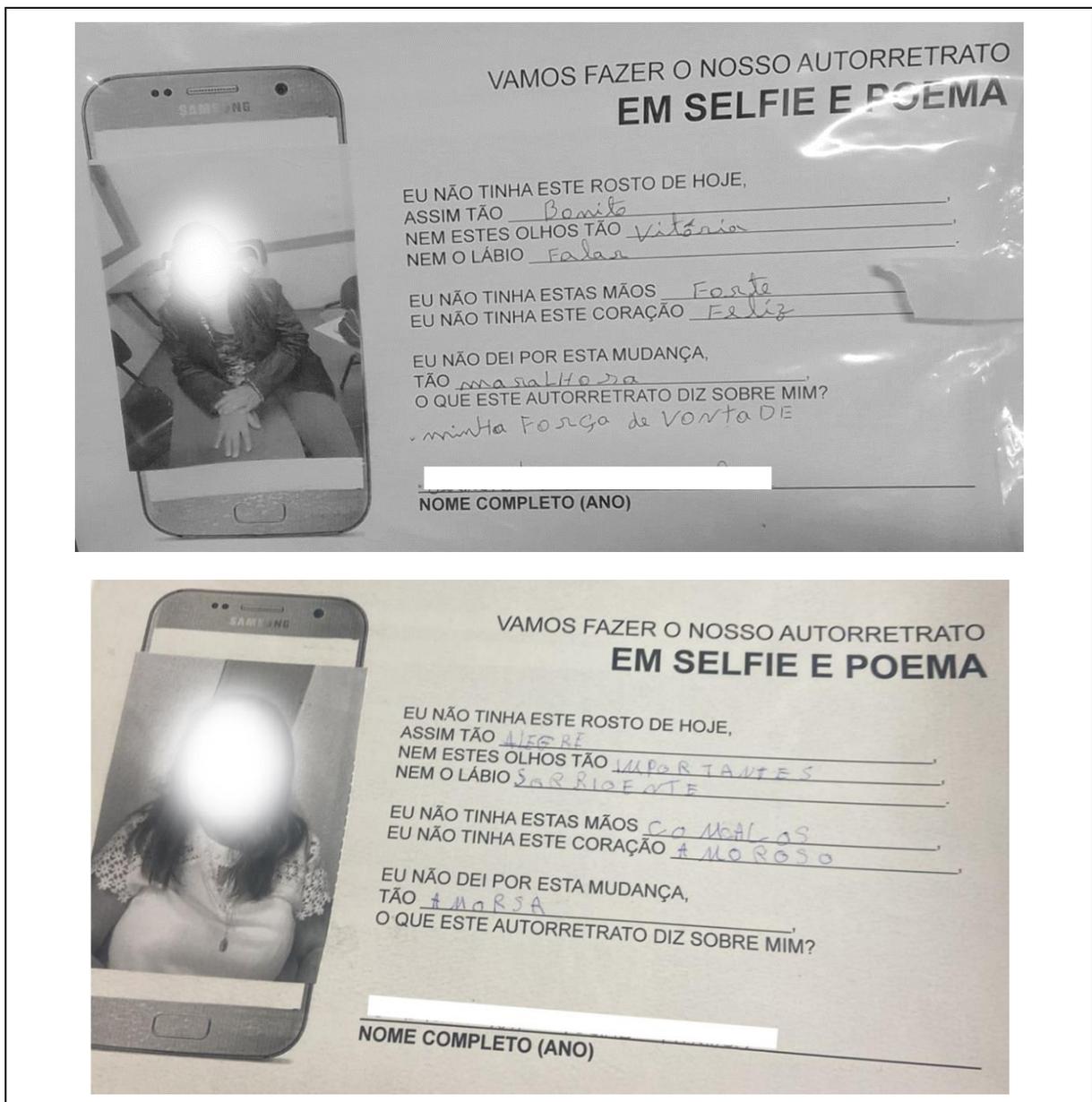
Uma vez que a sociedade atual é diária e expressivamente influenciada pelas maneiras que os computadores, a internet e os dispositivos móveis se fazem presentes nos mais diversos contextos e espaços, não se pode dissociar a alfabetização da apropriação crítica e criativa das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs). Isso porque, sob a perspectiva dos novos (multi)letramentos, defendida por Moura e Rojo (2019), as linguagens digitais viabilizam possibilidades mais diversificadas, democráticas, coletivas, híbridas e criativas de produção

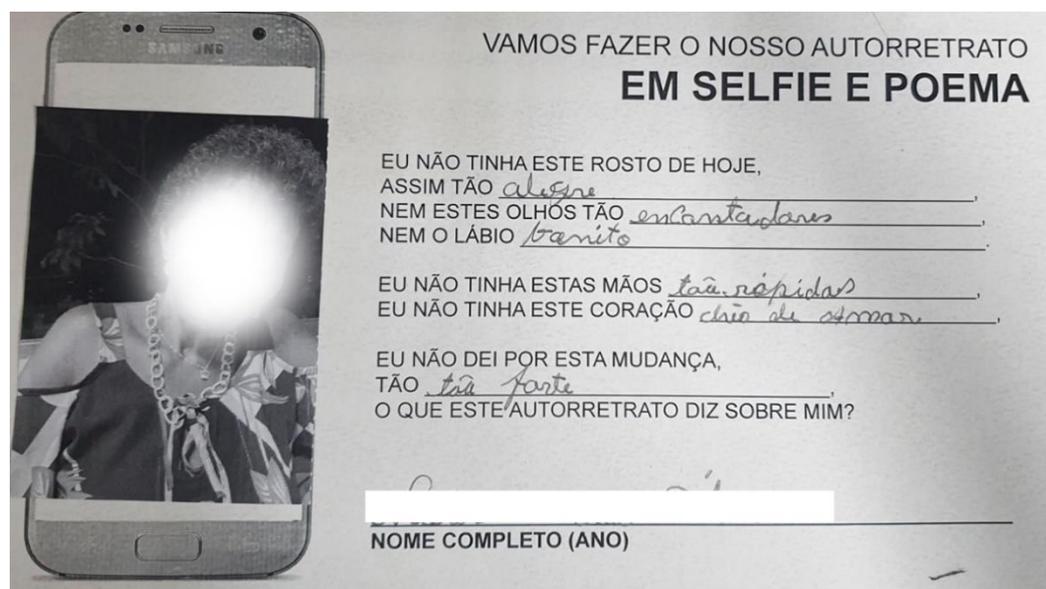
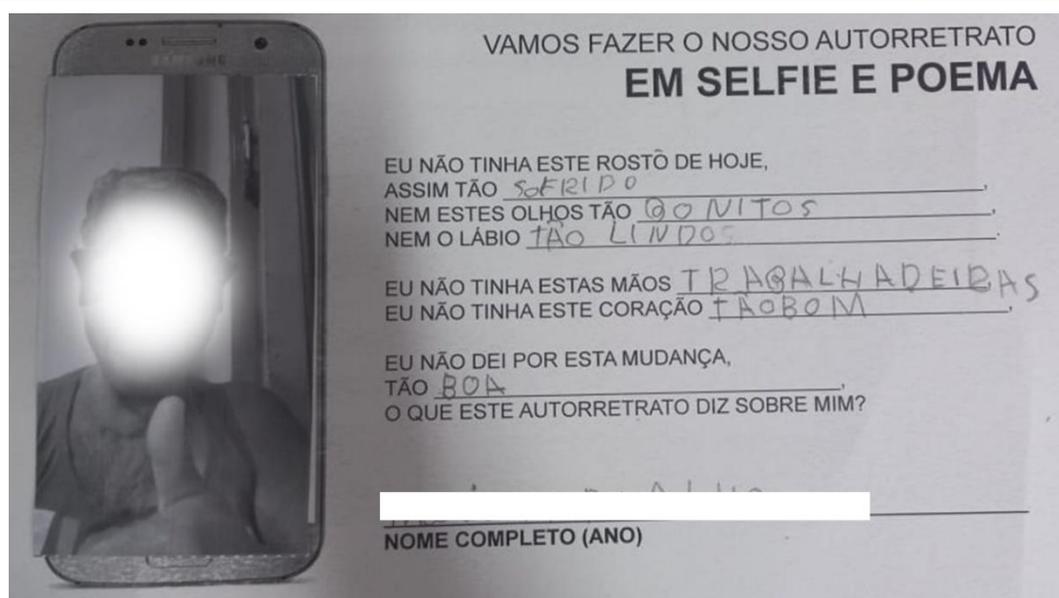
textual e discursiva. O que precisa ser reconhecido como um direito de todos, respeitados e valorizados os seus contextos sociais e subjetividades.

Prata-Linhares (2012) destaca que as modernidades tecnológicas não podem ser reduzidas a meios informativos e instrutivos, é preciso investir na criação reflexiva que supera os espaços geográficos das salas de aulas convencionais. A arte tem muito a contribuir para isso, pois, reconhecida como maneira de aprender, potencializa a cognição, a construção de significados e, conseqüentemente, a atuação no mundo.

Seguem algumas das produções, voluntariamente compartilhadas, as quais representam os aspectos predominantemente expressos nas produções:

Figura 2 – Autorretratos.





Fonte: Produções das estudantes.

Por meio das fotografias, nota-se a presença de gestos, enquadramentos, e expressões reforçadoras e complementares dos registros escritos nos quais aparecem palavras que remetem a alegria, beleza, força, sofrimento. No decorrer da arguição, as estudantes foram convidadas a discorrerem sobre o que quiseram destacar em seus autorretratos e sobre os sentimentos em relação à vivência. Referente ao primeiro ponto, as considerações convergiram para uma postura de gratidão à escola por oportunizar a aprendizagem da leitura e da escrita. Aspecto apontado como fortalecedor de autoestima e resultante da determinação por uma vida melhor. Sobre os sentimentos os testemunhos também foram de gratidão por estarem em um lugar onde elas se sentiram importantes e onde aprenderam muito. Houve quem dissesse que colocaria a

produção em um quadro para presentear o neto. Outra estudante pediu para cantar uma música evangélica para expressar o que aprendeu. A narrativa da música era uma espécie de autorretrato de Jesus Cristo. A postura desta estudante, que no início da atividade dizia não saber o que era autorretrato e poema e que nunca ouviu falar sobre Frida Kahlo, exemplificou o alcance dos objetivos de aprendizagem almejados.

Após a socialização das produções, o poema original foi exposto ao lado de uma foto de sua autora, Cecília Meirelles, selecionada na intenção de provocar o pensamento sobre a relação (ou falta desta) entre o texto e a imagem. Foi unânime o reconhecimento de que a fotografia não representava o discurso do poema. Eis mais um exemplo de que a vivência potencializou a construção de sentidos. Assim como aconteceu em relação a Frida Kahlo, todas as estudantes desconheciam a poeta. Todavia, nota-se pelos discursos presentes nas criações, o quanto há em comum entre estas mulheres.

Por meio de um processo rigorosamente sistematizado, as identidades das estudantes foram respeitadas e valorizadas. Suas lutas não foram romantizadas ou negligenciadas, mas usadas como pontos de partida e de chegada na construção do conhecimento, sustentado em autoria, coletividade, contextualização, problematização, criação, protagonismo, leitura crítica de mundo, valorização e ampliação do repertório cultural. Às graduandas envolvidas no processo, buscou-se, como defende Silva (2008), proporcionar a experiência do estágio supervisionado enquanto momento e lugar de formação em que a unidade teoria e prática está a serviço da construção de sentidos por parte de todos os sujeitos envolvidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos mostram que o estágio supervisionado é um tempo-espaço privilegiado na formação docente que precisa ir além do saber instrumental. Contudo, são muitos os desafios para materializar a formação reflexiva necessária aos estagiários. Na experiência aqui relatada, fica evidente a fragilidade de um currículo que, por exemplo, inviabiliza a diversificação do tempo dedicado ao estágio na EJA, visto que os horários de aula dos estudantes desta modalidade são os mesmos dos graduandos em Pedagogia, o noturno. O fato de apenas neste, do total de quatro estágios, haver a disponibilidade de somente uma noite, e ainda com carga horária a distância destinada a outro componente curricular, indica um tratamento desprestigiado ao estágio na EJA e à Educação a Distância (EaD).

Tal cenário prejudica a realização de trabalhos em maior colaboração com as escolas e sobrecarrega o professor-coordenador de estágio com a busca por alternativas que façam

cumprir o necessário rigor teórico-prático e a construção de sentidos. O trabalho coletivo com outros professores da universidade/curso, a articulação entre ensino e extensão, e as parcerias estabelecidas com os profissionais das escolas são ações que minimizam as fragilidades curriculares.

A extensão é um elo necessário entre universidade e escola. Por isso, carece de maiores incentivos e desburocratização, a fim de que mais pessoas sejam envolvidas em projetos de maior robustez e longevidade e os tempos e esforços sejam concentrados em demandas pedagógicas. O fortalecimento destes aspectos tem muito a oferecer para o desenvolvimento de pesquisas comprometidas com as formas de pensar e fazer os processos de ensino-aprendizagem com qualidade.

Como esclarece Imbernón (2011), o conceito de qualidade não é único, visto que depende do que se entende por ensinar e aprender, bem como a qualidade da instituição se mostra por meio das contribuições dos estudantes. Sob essa perspectiva, a qualidade defendida aqui se exemplifica nas relações críticas, cri/ativas e emancipadoras entre os sujeitos e destes com o objeto de conhecimento, de modo que identifiquem e superem interpretações ingênuas e fatalistas das realidades e valiam-se dos seus direitos de cidadãos.

Nesse sentido, o estágio na EJA é o tempo-espço de possibilitar aos graduandos e aos estudantes da escola básica a conscientização do furto ao direito de aprender no devido tempo. E isso se dá pela imersão em processos ricos em diálogos, estudos e sistematizações metodológicas comprometidas com sujeitos e problemas reais. No que se refere a este último ponto, a parceria entre arte e TDICs tem muito a contribuir.

Os exemplos contidos neste texto mostram que, respeitadas as especificidades dos educandos, as linguagens digitais favorecem diversas formas de expressão, comunicação, interação e criação. O universo da arte soma esforços nos quesitos de construção e representação democrática e diversificada de significados. Tais aspectos estão em consonância com a concepção de qualidade defendida aqui.

Vale acrescentar que este relato é redigido em um momento no qual a prefeitura de uma das grandes capitais do Brasil proibiu o uso dos celulares nas escolas. Uma conduta contraditória aos preceitos aqui discutidos. Em consonância com Silva (2023), considera-se que a sociedade precisa, cada vez mais, superar o uso meramente recreativo e mercadológico dos artefatos digitais e avançar em posturas mais críticas e ativas. Esse tipo de postura depende, essencialmente, que universidades e escolas assumam o seu papel na discussão, apropriação e construção da cultura digital. O ciberespaço só é espaço porque, assim como os espaços

presenciais, também é ocupado, mesmo que virtualmente, por grupos de pessoas que interagem, consomem, manifestam, criam, compartilham, ensinam, aprendem. E todo o lugar onde há pessoas, há história, cultura e saberes em construção os quais carecem de mediações realizadas por pessoas ética e esteticamente comprometidas com uma vida mais justa. Diante deste contexto, a escrita deste artigo é, assumidamente, uma forma de resistência aos retrocessos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis (RJ): Vozes, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50 ed. rev. atual. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011. 253 p.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. Tradução de Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA, Carmen Brunelli de. Diversidade, currículo e implicações pedagógicas. In: _____. SILVA, Marluce Pereira da; GARCIA, Renata Monteiro (Orgs.). **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões impertinentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018, p. 47-60. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/139/57/557-1>. Acesso em: 08 ago. 2023

MOURA, Eduardo; ROJO, Roxane. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2019.

PRATA-LINHARES, Martha Maria. Contribuições da arte para a formação de professores universitários. In: _____. MASETTO, Marcos (org.). **Inovação no ensino superior**. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 55-66.

RODRIGUES, Edileuza Custódio. Atuação dos professores de jovens e adultos: por uma educação emancipadora. In: _____. SILVA, Marluce Pereira da; GARCIA, Renata Monteiro (Orgs.). **EJA, diversidade e inclusão**: reflexões impertinentes. João Pessoa: Editora da UFPB, 2018, p. 451-474. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/view/139/57/557-1>. Acesso em: 08 ago. 2023.

SANTAELLA, Lucia. **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Estágio supervisionado: espaço de ter-lugar do olhar e de dar a voz. In: _____. SILVA, Lázara Cristina da; MIRANDA, Maria Irene (orgs.). **Estágio supervisionado e prática de ensino**: desafios e possibilidades. Araraquara (SP): Junqueira&Marin: Belo Horizonte (MG): FAPEMIG, 2008, p. 115-140.

SILVA, Marco. O celular na sala de aula: uso didático e resistências. **Notícias, Revista Docência e Cibercultura**, agosto de 2023, online. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/announcement/view/1661?fbclid=IwAR2aAkksC436D0RFHISCgrsU9VbS-CJqdWwMn96LR6qG7E8zvXHTRg4Rpic>. Acesso em: 10 ago. 2023.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia**. Ituiutaba, 2017.

ZEICHNER, Kenneth M. Formação de professores para a justiça social em tempos de incerteza e desigualdades crescentes. In: _____. DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; ZEICHNER, Kenneth M. (orgs.). **Justiça social: desafio para a formação de professores**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, p. 11-34.